

Da Utopia à Exclusão:

Vivendo nas ruas de Brasília

Marcel Bursztyrn e Carlos Henrique Araújo.

Brasília/Rio de Janeiro: Garamond, 1997.

Inaê Elias Magno da Silva

Nascida do ideal modernista do desenvolvimento nacional, Brasília — *Capital da Esperança* — desde sua gênese apresentou-se como a materialização da utopia desenvolvimentista brasileira. Teve o progresso planejado em cada linha do seu projeto urbanístico-arquitetônico, o qual traçou uma cidade *sul-real*, apresentada ao mundo capitalista como mais humana, igualitária e harmônica que as cidades reais efetivamente existentes. Hoje, 37 anos após sua inauguração, muitos se perguntam *o que aconteceu ao sonho?* *Da Utopia à Exclusão: vivendo nas ruas em Brasília* é um livro que procura mostrar, sem uma pretensão generalizadora, um dos muitos aspectos nos quais falhou o sonho de Brasília: a utopia da integração depara-se nos dias atuais com uma triste realidade de miséria e exclusão.

Pautando-se na imagem proposta por Edmar Bacha de *Belíndia*, fusão de uma Bélgica com várias Índias, os autores buscam nos indivíduos que vivem nas ruas da capital federal subsídios para a compreensão de dois grandes fenômenos que vêm crescentemente marcando a realidade urbana brasileira: as migrações pobres para áreas urbanas e a exclusão social. A abordagem simultânea destes fenômenos demonstra, em última instância, sua contigüidade, pois apesar de não se tratarem de fenômenos similares, ambos constituem realidades cada vez mais indissociáveis. A reduzida capacidade de retenção do homem ao meio rural, o despreparo desse indivíduo para a vida urbana e sua situação estrutural de pobreza compõem um quadro de não-inclusão, responsável pela grande mobilidade espacial de camadas crescentes da população brasileira. Por outro lado, a atratividade natural das cidades, refletida não mais exclusivamente em termos de como-

Inaê Elias Magno da Silva é aluna do mestrado em Sociologia da Universidade de Brasília.

cidade, mas sobretudo em termos de mínima expectativa de sobrevivência, faz com que o fluxo migratório das populações pobres ainda lhes seja preferencialmente dirigido. Não-incluídos em seu meio original, os migrantes pobres mantêm sua condição de excluídos no meio urbano e passam a viver das sobras da *urbes*, perambulando de um lado a outro da cidade, de uma cidade a outra, conforme o estado de suas condições materiais de sobrevivência, geralmente restritas à refeição seguinte e a um teto sob o qual dormir.

A obra, pequena e de leitura agradável, divide-se em duas partes, respectivamente intituladas: “Brasília Capital” e “Os Perambulantes na Capital”. Na primeira delas são discutidas, dentre outras coisas, algumas das principais causas das migrações pobres para Brasília, destacando-se os fatores de expulsão do homem do campo e os fatores de atração da capital federal; as características das populações migrantes e seus principais trajetos no interior de Brasília; as particularidades segregacionistas da geografia urbana da capital federal; o processo de penetração na cidade, pela via de estratégias de sobrevivência, que vão da fixação residencial em ocupações clandestinas à realização de uma espécie de extrativismo de subsistência e, posteriormente, de comercialização, no qual o lixo urbano é metamorfoseado primeiro em alimento e, em seguida, em fonte de renda; e, por fim, a negligência do poder público nacional em desenvolver políticas que enfrentem a questão das invasões de miseráveis nas cidades, acompanhada, por um lado, da ineficácia das políticas locais que buscam “livrar-se” do problema através do envio das populações miseráveis para fora do local de origem ou de volta ao mesmo, e por outro, da dificuldade encontrada pelos governantes locais frente ao paradoxo de que quanto maior é a eficiência de uma política de inserção, maior é a atração demográfica dela decorrente.

A segunda parte versa mais especificamente sobre a pesquisa de campo, apresentando pressupostos, aspectos metodológicos e seus principais resultados. Desses, merecem destaque a grande mobilidade das famílias entrevistadas, muitas das quais já passaram por outras localidades antes de Brasília, sobretudo as cidades baianas de Irecê e Barreiras, das quais algumas das famílias abordadas são também provenientes; sua condição de perambulantes internos, quando recém chegados à cidade e ainda não adaptados aos ritmos e espaços; a fome como principal motor da mobilidade espacial e as expectativas de sobrevivência imediata como principais atrativos da cidade de Brasília; e, por fim, o gradual processo de demanda pelos serviços providos pelo Estado, oriundo da própria fixação deste migrante

na cidade, pelas vias da moradia permanente e do trabalho informal, principalmente com o lixo. Esta parte ainda conta com uma descrição de três casos de familiares e/ou conterrâneos que juntos desenvolveram estratégias próprias de sobrevivência em Brasília, através da constituição de precários agrupamentos residenciais e da organização dos trabalhos de cata, separação e venda de lixo reciclável e das atividades de vigia de carros, "flanelinha" nos sinais e pedinte nas ruas.

Como principais conclusões, os autores apresentam, no nível geral, atendendo todavia para a obviedade desta conclusão, a necessidade de uma reforma agrária que responda pela fixação do homem no campo, evitando sua expulsão para as cidades. Em nível mais prático, concluem que o problema das migrações de excluídos para as áreas urbanas só poderá ser satisfatoriamente enfrentado com a implementação de políticas de âmbito nacional, ainda que com focos locais, visto que os enfrentamentos isolados não se tornam exitosos por seu efeito paradoxal de atração demográfica. Além de políticas voltadas para a contenção do fenômeno da perambulação, os autores apontam a necessidade de que o Estado cuide das massas de excluídos que já se encontram nas franjas urbanas sobrevivendo em condições degradantes; para esses que já migraram, "é preciso uma estratégia localizada de inserção nos locais de destino". Por fim, propõem como possível forma de inserção dos excluídos em questão na cidade de Brasília a organização de cooperativas e associações que sirvam de base para a humanização das atividades de cata, melhorando as condições de vida dos indivíduos que vivem dos restos da cidade. A esta solução fazem ainda uma ressalva de cunho ético: "ainda que os catadores deixem de ser clandestinos, o trabalho com o lixo não os liberta do estigma de serem uma população que sobrevive dos despojos da cidade".

Apesar de ser o resultado bem estruturado e bem apresentado de uma rica pesquisa empírica com os migrantes que vivem nas ruas de Brasília, o livro em apreço peca por relegar a discussão teórica das temáticas da migração e da exclusão social a um segundo plano, quase que negligenciando o desenvolvimento das ciências sociais nas duas áreas em questão, dando preferência a uma forma de abordagem que corre o risco de ser classificada como empirista. Afora isso, o livro traz importantes contribuições aos estudos sobre migração, por apresentar dados dos universos de vida e trabalho desses indivíduos, bem representados por Cristóvão Buarque pelo neologismo de *modernôma*des, homens do final do século que vivem a perambular pelo mundo sem endereço, sem reconhecimento social ou político, sem paradeiro, sem casa, sem trabalho, sem comida, sem cidadania.